

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

VII

AS MAIAS

A sobrevivencia das lendas, tradições e praticas populares, não raro persistentes na sua forma emocional primitiva ou pelo menos conservando o seu fundo mythico ao deante penetrado nos rituaes do christianismo, fornece á demopsychologia os vestigios das mais affastadas instituições e costumes. As festas populares d'hoje teem, d'ordinario, a origem nos cultos naturalistas d'outr'ora; os varios polytheismos que a igreja christã a principio combatera, legaram a esta muitos dos seus elementos; os santos, como as egrejas, substituiram as divindades e os templos pagãos; os mythos transformaram-se em dogmas; e assim a religião, obrigando-se a utilizar grande parte das superstições com que deparou, transmittiu-nos, mais ou menos obliteradas, as con-

cepções e os ritos do mundo antigo. Ahí está, entre muitos, o symbolismo lithurgico da vinha e do trigo, alimentos principaes do homem, passando do mysterio eleusiniano ao sacrificio christão; o natal, que é a solemnidade do solsticio do inverno; as maias, no mez em que triumpho o verão, estação procreatora e fecundante, do inverno, parado e esteril.

Em toda a ficção popular a epopeia celeste e a epopeia vegetal são as mais interessantes, as mais vastas e as de maior ensinamento para o estudo das concepções primitivas. No principio o homem, em exclusivo instincto vegetativo e unica necessidade multiplicadora, identificou com a sua a vida das plantas, dando-lhes consciencia e vontade, espirito e linguagem. Para o budhismo, acima da dignidade humana estava a dignidade da arvore; sob uma, Budha, o deus dos deuses, se entregara, durante seis annos, ás suas meditações; e n'uma floresta densa e velada ensinara aos homens as quatro grandes verdades. A arvore, pois, na religião indiana ficara o symbolo da sabedoria divina.

A cosmogonia arica dá o homem como descendente da planta e d'ella herdando a maioria dos seus attributos. Outra lenda condensa n'ella personagens; se a arvore secca, morre o heroe que symbolisa, como moder-

namente, plantando-se a arvore quando o filho nasce: para os paes os dois destinos ficam indissolovelmente ligados.

Conta uma tradição de Bysancio que, no principio do mundo, houve uma arvore de ferro cuja raiz era a força de Deus; na cabeça sustentava tres mundos, o ceu com o oceano do ar, a terra e o inferno com o enxofre e o ferro candente. D'aqui a explicação do respeito sagrado da arvore, a um tempo cosmogonica e anthropogonica.

As arvores falam: alto, se a ventania as sacode, ás rajadas; n'um murmurio, apenas, se uma brisa passa. Se as abatem, suspiram, no adeus eterno; se as decepam, pranteiam, como n'uma grande dôr humana:

A ponta da vide chora
Lagrimas a seis e seis;

na crença veneta, as folhas tremem ao passar a sexta-feira santa, que foi quando morreu Jesus.

A floresta, como é sagrada, escuta sempre e encerra e occulta o segredo dos mysterios. Os germanicos tinham pelo arvoredos um culto supersticioso, estranho e extatico; os druidas faziam, entre elle, os seus templos. A imaginação greco-latina povoou os bosques de faunos, de satyros, de nymphas e de dryades, os

genios silvestres presidindo, a lua, no ceu, assistindo e velando. Sob o concerto vegetal, propicio ou sinistro, era nas florestas que se consultavam os oraculos, como debaixo d'uma arvore frondosa e veneranda se erguiam os tribunaes slavos, porque ella, personificando a mais alta sabedoria, inspirava á justiça a verdade ineluctavel da sentença. Só a arvore é justa, como só é sabio o heroe que comprehende a voz das aves, reveladora de todos os mysterios.

As arvores distinguiram-se em divinas, que são luminosas e propicias e em diabolicas, que são sinistras e funerarias: uma é bemfaseja, porque ou se sacrifica pelas outras ou agasalha as humildes, protectora e amiga; outra, é malefica e plantada pela natureza em colera, n'um ermo avaro e esteril: o seu veneno, a fera o evita e ao vento empesta.

Na tradição hellenica a arvore é o refugio d'um heroe, d'uma nympha ou d'um fauno; para a arrazar o latino tinha de pedir-lhe, antes, perdão: que talvez o sacrilegio despertasse, na personalidade divina ou mystica que o vegetal occultava dos homens, um castigo e uma vingança crueis e horriveis.

Como o lotus fôra a flor sagrada para os indios e egyptios, a perola da criação á qual os deuses communicaram os seus segredos — flor da vida, flor da luz — outros vegetaes,

na symbolica popular, foram sagrados nas nações e nas aldeias, uns adoptados pelos genios, outros da vida, outros da morte, alguns da sabedoria, certos da immortalidade. Toda a flor symbolisa fecundidade, todo o fructo a abundancia; umas a victoria ou a prisão; outras a castidade ou a graça. Para o ciume havia a herva magica com que, no hymno vedico, a esposa cerca a cabeça do companheiro, afim de affastar a concubina, « infima das infimas ». Nas ceremonias nupciaes da India o sacerdote enlaçava uma grinalda nas mãos dos noivos: emancipando-se da auctoridade paterna, esta grinalda symbolisava a liberdade.

Precisando mais, os differentes povos ou as diversas raças attribuiram a determinadas plantas as mais varias qualidades e sentimentos, saber ou dominio. Na Europa a grande arvore mythica foi o carvalho: a crença hellenica dizia que Deus annunciava aos homens, pelo rumor das folhas, a sua vontade sagrada e infinita; e como o carvalho fosse ainda a arvore divina dos oraculos, Socrates jurava por elle. Adoraram-o o celta e o druida; escolhiam-o, para se reunirem em volta, os germanicos nas suas deliberações supremas. E apagado pouco e pouco o culto, subsistiu a sympathia do povo que n'elle pendura ou en-

quadra as madonas predilectas, ou ainda, como n'uma cidade portugueza, venera um certo porque, á hora da sesta, S. Francisco d'Assis repousara á sua sombra acolhedora e fresca.

Nas symbolicas allemã e dinamarqueza a arvore sinistra é a cerejeira: suspendem-se os ramos d'ella nas casas das impudicas. Em outras superstições esse papel cabe á figueira: não lhe procure a sombra, nem subas a ella na hora aberta!

O cedro e o cypreste, que no tempo dos romanos se plantavam ás portas das casas dos patricios enluctados, symbolisam a immortalidade. Certos povos explicam que o cypreste funerario rebentado ao pé d'um sepulchro traduz a dôr dos parentes pela crueza indizivel da morte. E' mais, uma recordação e uma esperança: como recordação, perpetúa a magoa; como esperança inspira a quasi certeza da eternisação da vida pela metempsychose. E porque o cedro fosse immortal é que, na lenda china, os dois esposos se transformam em cedros afim de prolongarem o seu immenso amor por toda a eternidade.

O loureiro representa a luz: luz que espalha a victoria e a fama, planta com que se entretecem a corôa dos sabios e a corôa dos heroes. O trigo, que Iris introduziu no Egypto e, na Grecia, Ceres, é a abundancia e um dom das duas divindades. A oliveira, que significa

a paz, foi outra dadiua preciosa de Minerva á Attica; as leis athenienses puniam severamente quem ousasse fazer mal ás oliveiras.

Entre os hebreus a amendoeira, por ser a primeira arvore a florir, exprime a vigilancia; n'outros a mangerona é considerada a herua da honra que affasta os seductores.

Porque ha os vegetaes eroticos que attrahem as mulheres. Prohibiam as *Ordenações manuelinas* a posse de *mandraculas*, pois que, interrogadas, pensava o povo que revelavam os segredos, e, entre outros maleficios, attrahiam as mulheres: já Lia empregara a mandragora para conseguir, uma noite, o logar de Rachel no leito do marido. Mas a grande arvore phallica é a romeira: a sua flôr traduz o desespero d'uma paixão sensual e ardente; nos grãos rubros da romã está o symbolo da geração e da fecundidade.

As hervas seductoras oppõem-se as castas; não é só a hera que secca a arvore a que se prende, como o amor puro o coração que o sente; é mais que ella o agno-casto com que as raparigas de Athenas, engrinaldando a frente, conservam a pureza, affastam os pensamentos impudicos e evitam, nos sonhos, a lubricidade.

Certas plantas servem ainda, na superstição popular, para presagiarem a desventura ou annunciarem a felicidade; o azevinho, a

moliana e a herva da fortuna dizem se uma pessoa é ditosa ou se a desgraça a punge. Em outras encontram-se especificos maravilhosos contra os elementos ou os seres fatidicos; o alecrim livra do raio, o zimbro é bom contra o ar mau, a arruda afugenta o demônio. N'outras, ainda, reside um poder magico invencivel: verbena e menthastro, não ha melhor contra o bruxedo. Por fim, em certas, Deus pôz, com a simplicidade eloquente da sua divina graça, a explicação do que a estreiteza do entendimento humano não logrou attingir, nem pela comprehensão, nem pela fé. O mysterio da Trindade! Então não vêdes no trevo tres folhas em uma só haste?

D'este esboço de phyto-mythologia universal se deprehendem os dois grandes grupos de plantas: as boas e as ruins; ora do primeiro fazem parte as giestas. Segundo a lenda, certo rei ouvindo que tinha nascido em Bethlem um menino a quem o povo chamava o rei dos judeus, mandou que degollassem, na cidade, todas as creanças de menos de dois annos. Marcaram a casa onde afinal souberam que se encontrava o monarcha de Israel: o ramo de giestas indicaria aos legionarios, manhã cedo, a residencia do iufante. Mas ao alvorecer a madrugada de maio, por encanto e por milagre, em todas as casas floresciam as

maias. Esta lenda e as suas variantes, sempre deturpadas, alcançaram a sympathia popular para as giestas, remota e esquecida já a tradição de que os genios celticos, entre ellas, seduziam as donzellas, e localisada apenas na Sicilia a crença da maldição que baixara sobre essas plantas por estalarem quando, no horto de Gethsemani, orava Christo.

As giestas são associadas ainda aos enfeites das *Maias* e do *Maio moço*. Em varias terras de Portugal, como na Provença, como em outras partes, costumava-se adornar uma creança com flores, sental-a n'uma meza e rodeal-a de raparigas que cantam, dançam e tocam adufes; quem passa é perseguido até que deixe uma lembrança ou presente á *Maia*. N'outras os grupos dançam pelas ruas e pedem esmola; n'outras ainda é um homem a cavallo ou um rapaz todo vestido de giesta florida e acompanhado de outros rapazes e de raparigas, cantando:

Este Maio, moças,
Era boticario,
Vendeu a botica
P'ra comprar um saio.

O saio era roto,
Botica perdida;
Agora, meu Maio,
Procura tua vida.

dando vivas ao *Maio* e dizendo ainda outras quadras semelhantes.

No Algarve faz-se uma grande boneca de palha, a *Maia*, coberta de flores, e em volta da qual, á noite, as raparigas bailam e cantam:

O meu Maio-moço
Elle lá vem,
Vestido de verde
Que parece bem.

O meu Maio-moço
Chama-se João,
Faz-me guarda á casa
Como um capitão.
Etc.

Em Lagos fazia-se uma procissão, no dia de hoje, em que ia um rapaz a cavallo, adornado de flores e joias de empréstimo; como certo anno um fugisse é offensivo perguntar a muita gente se *já voltou o Maia*.

N'outras provincias, e no Algarve principalmente, vae-se *armar a Maia* celebrando um banquete no campo, brincando-se e folgando-se até que, ao escurecer, a *Maia* desça do seu throno tapetado de verduras. É no mez de maio que se cumprem as promessas no Algarve; é no dia 1 que se implora a protecção da Virgem para as sementeiras; é ainda hoje o dia do enramalhamento dos curraes para que não dê o quebranto ou não falte o alimento aos gados.

D'estas festas realisadas ao entrar o mez de maio perdeu o povo a significação, não vendo n'ellas, naturalmente, os vestigios do velho mytho solar em que o verão, entrando em lucta com o inverno, acabava por vencel-o. Para as antigas sociedades pastoraes o maio annunciava, nas palavras de Gubernatis, que mais uma vez a terra ia ser fecundada, que a vida proseguia e que o amor e a luz inundariam outra vez o mundo. Evidentemente phallica a origem primitiva d'esta festa, as suas manifestações mais ou menos orgiasticas e hetairistas disfarçaram-se lento e lento. N'uma postura da camara de Lisboa, datada de 1385, lê-se: «Outro sim estabellecem que daqui em diante em esta Cidade e em seu termo nom se cantem Janeiras nem *Mayas*, nem a outro nenhum mez do anno... Estabellecem que qualquer que para *Mayas* ou Janeiras emprestar bestas, vestires, joyas ou quaisquer apostamentos perca tudo que assim emprestar e hajão todo os acuzadores e Concelho de per meio.» De sorte que, das antigas arruaças que é natural inferir, resta uma celebração innocente e alegre.

Com o maio iniciavam-se, em outros tempos, cavalgadas e torneios; n'esta epoca ainda, rompiam as hostilidades dos reis christãos da Iberia contra os mouros. Accordava a virilidade nos homens, como nas plantas; n'aquel-

les traduzia-se pelos desafios e guerras; n'estas a observação popular, grosseira e justa, assentava assim, do grande mez, a influencia vital e fecunda:

Quanto maio acha nado
Tudo deixa espigado.

Em todas as religiões, pois, desde a concepção mais rudimentar primitiva até aos profundos e complexos dogmas actuaes, nunca os creadores poderam autonomisar o rito do facto astronomico. Phantasiaram-se os disfarces, mas, instinctivamente, prevalece o culto natural. E como a acção humana se lhe subordina inteiramente — ao culto e ao fatalismo — ali está o 1.º de maio, dia escolhido pelo obreiro de todo o mundo, como hostilidade e como prenuncio, para a grande e inevitavel campanha d'uma emancipação e d'uma vindicta: conta a saldar com os que mais teem sentido a dureza da Injustiça e o amargor do Sofrimento.

INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA	5
I. A tatuagem em Portugal.	11
II. Ensino tecnico.	21
III. Passeios geologicos.	31
IV. O Bragança.	39
V. O bicho da seda.	49
VI. Antiguidades nacionaes.	59
VII. As Maias.	75
VIII. Um curso livre.	87
IX. Flora extincta.	99
X. O S. João.	109
XI. Livros d'aula.	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia.	135
XIII. Os marmores de Vimioso.	145
XIV. Os ciganos de Portugal.	155
XV. As dunas.	167
XVI. O principe de Monaco.	179
XVII. As ostras.	189
XVIII. O museu da Restauração.	201
XIX. Carvão e ferro.	213
XX. A piscicultura em Portugal.	225
XXI. O Natal.	239
XXII. O vinho.	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional.	261
XXIV. Ir p'r'os estudos.	271
XXV. As abelhas.	283
XXVI. O cruel e triste fado.	293

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

Silva Pinto		Guilomar Torrezão	
De palanque, annotações á vida portugueza contemporanea, 1 vol.	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol.	500	Abbate de Prevost	
Os jesuitas, 1 vol.	200	Manon Lescaut, 1 vol.	500
A' hora da lucta.	400	Bernardim Ribeiro	
Alfredo Mesquita		Menina e moça, 1 vol.	500
De cara alegre.	500	Bernardin de Saint-Pierre	
Teixeira Bastos		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol.	700	Casimiro d'Abreu	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol.	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol.	700	Renan	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol.	600
Interesses nacionaes, a sahir do prelo.		Apostolos, 1 vol.	600
Julio Brandão		José P. Sampaio (Bruno)	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
Theophilo Braga		João Chagas	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diário d'um condemnado politico, 1 vol.	500
Camões e o sentimentalismo nacional, 1 vol.	600	João Barreira	
Modernas ideias da litteratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho nacional com um <i>fusain</i> de Cellini.	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	Luiz de Magalhães	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura portugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol.	700	Arnaldo Gama	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol.	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol.	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .	2\$000	Alexandre Dumas	
em papel de linho.	3\$000	A dama das camelias, 1 v.	400
		Ramalho Ortigão	
		John Bull, 1 vol.	600